

**O dogma da assunção na escatologia contemporânea
“Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5)**

*El dogma de la asunción en la escatología contemporánea
“Haz lo que Él te diga” (Jn 2,5)*

Adeilton Silva Costa

Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Feira de Santana (FCFS)

adeiltonc13@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9153305843419373>

Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender e tentar responder o seguinte problema: de que maneira a Assunção de Maria à luz da escatologia contemporânea, pode contribuir para as reflexões teológicas atuais a respeito da morte e do sentido da vida? Diante da certeza da morte, se pode perceber a contribuição da mariologia para a esperança da ressurreição cristã. Maria é mulher de fé. Sua vida e fidelidade é modelo para a Igreja e tantos fiéis que em sua devoção popular recorrem a Mãe de Deus. Para melhor compreensão, o artigo está dividido em três partes: no primeiro tópico, será abordado o conceito e finalidade da escatologia. No segundo, será descrito a compreensão da ação gratuita de Deus, que se realiza na vida da Virgem. No terceiro tópico, serão identificados os elementos escatológicos contidos no dogma da Assunção de maneira a trazer contribuições para as reflexões teológicas atuais.

Palavras-chave: Escatologia. Morte. Mariologia. Ressurreição

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo comprender e intentar responder el siguiente problema: ¿de que manera la asunción de Maria la luz de la escatología contemporánea, puede contribuir para las reflexiones teológicas actuales a respecto de la muerte y del sentido de la vida? Delante de la certeza de la muerte, se puede percibir la contribución de la Mariologia para la esperanza de la resurrección cristiana. Maria es mujer de fé.



Su vida y fidelidad es modelo para la iglesia y tantos fieles que em su devoción popular recurren a Maria de Dios. Para mejor comprensión, el artículo está dividido en tres partes: en el primero capítulo, será abordado el concepto y finalidad de la escatología. En el segundo, será descrito a la comprensión de la acción gratuita de Dios, que se realiza em la vida de la Virgen Maria. En el capítulo tres, serán identificados los elementos escatológicos contenidos en el dogma de la asunción de manera a traer contribuciones para las reflexiones teológicas actuales.

Palabras clave: Escatología. Muerte. Mariología. Resurrección.

Introdução

Diante da certeza da morte, a qual é impossível vencer, o mundo se questiona como bem viver e como bem morrer. São muitos os questionamentos acerca do mistério da morte tanto no momento do último suspiro, como no que seja o pós-morte. A teologia católica em especificidade a escatologia, procura ao longo da sistematização teológica e desenvolvimento da doutrina católica sobre a morte, tenta refletir com os textos sagrados e orientações dos Padres da Igreja, a busca de oferecer respostas ao gênero humano a respeito de temas como a morte, o julgamento, céu, purgatório e inferno.

As reflexões escatológicas contribuem para a vivência de uma contínua ascese cristã no assemelhamento a Cristo, nossa Páscoa. Levam esperanças a todos os filhos e filhas de Deus, envoltos nas enfermidades físicas, psíquicas e espirituais do mundo contemporâneo. Encontra-se como espelho de esperança escatológica, a Virgem Maria, a primeira a ser ressuscitada por Cristo e estar na glória celeste pela poderosa ação de Deus que a preservou do pecado e da morte e a fez ser assunta ao Céu. Maria é mulher hebreia e em sua realidade, será escolhida para ser Mãe do Verbo de Deus encarnado. Isso nos afirma o Evangelho e as tradições que foram sendo desenvolvidas desde as primeiras comunidades cristãs e são propagadas atualmente nos diversos locais nos quais há devoção pela Mãe do Senhor.

Maria é mulher de fé. Tal interpretação é fundamentada pelas reflexões teológicas e pelos dogmas que acompanham a fé cristã ao longo do desenvolvimento e sistematização da Mariologia. Dentre os dogmas marianos, será objeto deste artigo, o dogma da Assunção. Será dissertado a partir da questão: De que maneira a Assunção de Maria, à luz da escatologia contemporânea, pode contribuir para as reflexões teológicas atuais a respeito da morte e do sentido da vida? Para desenvolver essa proposta dissertativa, no primeiro tópico, será abordado o conceito e finalidade da escatologia; no segundo, será descrito a compreensão da ação gratuita de Deus, que se realiza na vida da Virgem, que cumprindo o desígnio do Pai, está “ressuscitada” na glória futura por ação e vontade de Deus e é modelo de esperança para a Igreja peregrina. No terceiro tópico serão identificados os elementos escatológicos contidos no dogma da Assunção, de maneira a trazer contribuições para as



reflexões teológicas atuais. Desta maneira, o trabalho proporcionará reflexão e construção qualitativa de conhecimentos para compressão das contribuições do Dogma da Assunção na escatologia contemporânea.

1 Origem, conceito e finalidade da escatologia

O termo *eschaton* possivelmente indica, na linguagem teológica moderna, a ‘doutrina’ (*logia*) das coisas últimas (*ta eschata*). Foi primeiramente elaborada por Karl Gottlieb Bretschneider,¹ num trabalho de 1804, com *novissimi, res novissimi*. Todos os aspectos da escatologia encontram fundamento e sentido nas raízes da fé neo-testamentária: “a redenção do homem por obra de Jesus, o Cristo, encarnado, morto e ressuscitado” (BERARDINO, 2002, p. 487). É Jesus Cristo modelo do novo homem e esperança dos tempos futuros. Lacoste, por sua vez, apresenta a escatologia como a doutrina que reflete sobre as realidades últimas da vida cristã. O termo foi proposto por volta do século XVII, posteriormente utilizado por Schleiermacher para designar o tratado sobre os *de novissimos*, ou seja, as coisas últimas: morte, céu, purgatório, inferno etc. (LACOSTE, 2004, p. 620).

A respeito da formulação do conceito, os estudiosos discutem a transversalidade de temas presentes no conceito de escatologia, muito embora concordem tratar da *parusia*, ressurreição, juízo e paraíso. Trata-se também de temas mais extensos como a morte, a condenação, o purgatório, o fim dos tempos e a bem-aventurança. Todavia, o termo escatologia indica um conjunto de acontecimentos finais que diz respeito a fim do homem, tanto na sua realidade individual, como numa escatologia da humanidade, ou seja, coletiva, e do fim dos tempos, escatologia cósmica. Destes temas centrais, nascem as reflexões escatológicas individuais: a ressurreição dos mortos, *refrigerium*, inferno, purgatório, paraíso; para a escatologia cósmica: *apocatástase*, cosmo-mundo; para a escatologia coletiva: milenarismo, *parusia* e juízo etc.

O Frei Clodovis Boff, ao trabalhar os elementos da escatologia numa abordagem pastoral, também reafirma a utilização a finalidade do termo como sendo tratar das realidades últimas, àquelas que estão envoltas no destino do ser humano, mais também de toda a criação. Essas realidades

¹ Foi um importante teólogo alemão, nasceu em Gersdorf, a 40 milhas a leste de Dresden, Saxônia, em 11 de fevereiro de 1776, e morreu em Gotha em 22 de janeiro de 1848. Ele estudou em Leipzig, sendo nomeado ministro em Schneeberg em 1807, superintendente em Annaberg em 1808 e superintendente geral em Gotha em 1816. Ele foi um escritor prolífico e participou ativamente de algumas controvérsias. Suas principais obras incluem: *Lexicon manuale Græco-Latinum in Libros Novi Testamenti* (Leipzig, 1824); *Systematische Entwicklung aller in der Dogmatik vorkommenden Begriffe* (1805); *Handbuch der Dogmatik* (1814). Ele fundou a série de reimpressões chamada *Corpus reformatorum* (Halle, 1834 et seq.), na qual apareceram as obras de Melanchthon e Calvin, acrescentando as de Zwingli. Sua posição era o chamado sobrenaturalismo racional, um terreno bastante insustentável entre o racionalismo e o sobrenaturalismo. IGLESIA EVANGÉLICA PUEBLO NUEVO. **Karl Gottlieb Bretschneider**. Villacarlos, Madrid. Disponível em: http://www.iglesiapueblonuevo.es/index.php?codigo=bio_bretschneider. Acesso em: 06 de dez. de 2021.



últimas, dizem respeito aos filhos e filhas de Deus e a todo o gênero humano, quando se refere à morte, ao juízo particular, ao purgatório, ao céu e ao inferno. Todavia, a escatologia também volta a sua reflexão para o que designam as realidades últimas, chamadas coletivas como: o embate final, a *parusia*, o mistério da ressurreição dos mortos, o fim dos tempos e renovação do mundo e a vida eterna designada àqueles e àquelas que herdarão o Reino dos Céus. Tratam-se de realidades chamadas de *novíssimos*, porque provém de uma utilização de um superlativo da língua latina que se traduz como “mais recentes”, por isso “últimas”. Trata-se dos mistérios mais recentes revelados através do mistério da encarnação, morte e ressurreição de Cristo (BOFF, 2012, p. 11).

Encontra-se essas afirmações escatológicas no símbolo da fé, proferido nas solenidades, nas orações e expressões da devoção popular. São mais clarividentes na separação elaborada segundo Frei Clodovis. Segundo o autor, encontra-se nos símbolos da fé “(o apostólico e o niceno--constantinopolitano), quatro verdades escatológicas: 1) a segunda vinda de Cristo; 2) o juízo final; 3) a ressurreição geral no fim dos tempos; 4) e a vida eterna” (BOFF, 2012, p. 11-12).

Por conseguinte, sua finalidade, de maneira geral e sintética é tratar da segunda *parusia*, do cumprimento da criação de Deus, da história individual e universal da salvação, como já fora supracitado. Todavia, o cumprimento não se limita aos termos de tempo e espaço, mas introduz a temática da esperança cristã já inaugurada na redenção, pois “tudo o que Deus criou para chamar a uma ‘plenitude de vida’ não só não volta para o nada, mas ascende em sua totalidade e em cada uma de suas partes à plenitude interior e durável de sua essência, ao ser admitido a participar da vida eterna de Deus” (LACOSTE, 2004, p. 620). De acordo com a reflexão do autor, para tanto, é necessário que o mundo, tal como é entendido, tenha acabado no tempo e espaço, ou de maneira gratuita devido à Redenção, esse mundo tenha sido libertado das limitações da ordem espaço-temporal, de modo que é impossível pensar o cumprimento definitivo da escatologia no espaço e tempo como conhecemos (LACOSTE, 2004, p. 620).

Ao longo do desenvolvimento e sistematização da escatologia, a disciplina sofreu influência da teologia protestante, despertou nos teólogos católicos da virada do século XIX a busca pelo desenvolvimento de uma nova escatologia, porém, sem deixar de ser orientada pela Teologia Escatológica da Igreja. O que acontece é um desenvolvimento através de novas reflexões bíblicas, dogmáticas, antropológicas e existenciais (MÜLLER, 2014, p. 371-376). Porém, sua finalidade é sempre a Salvação em Jesus Cristo. Segundo Müller, a escatologia “não é apenas um tratado próprio da teologia, mas é ao mesmo tempo um princípio estruturante que perpassa a revelação e sua resposta



à existência cristã. Na fé, na esperança e no amor o ser humano está já *agora* em unidade com Deus e tem já agora participação *definitiva* na vida do Deus trino” (MÜLLER, 2014, p. 365).

Não se trata de abandonar ou dar uma roupagem nova a escatologia primeira, mas da possibilidade de uma interpretação antropológico-existencial das coisas últimas já realizadas em Cristo, de modo que ao cristão, seja possível experimentar diariamente a escatologia, não como algo distante, mais próximo sem diferença com a história que foi restaurada na encarnação, morte e ressurreição do Verbo de Deus; que dá esperança escatológica a humanidade. Assim, a história é resgatada na reflexão escatológica como também, as realidades humanas alcançadas e restauradas em Jesus Cristo, plenitude da revelação e do encontro entre Deus e o homem (MÜLLER, 2014, p. 375), que Salvou, e continua na história, gerando salvação para todos os que Nele se encontrarem.

De maneira sintética, a Escatologia clássica trata das novíssimas e a Escatologia Moderna trata de uma antropologia cristã em contato com a vida. Também numa dimensão existencial. Sendo a antropologia muito forte na escatologia contemporânea, é necessária uma reflexão teológica que oriente o estudo fenomenológico e hermenêutico da criatura humana e sua realização em Cristo Jesus.

Com o Concílio Vaticano II, a escatologia se torna mais explícita nos documentos, como a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*. Para além da escatologia da pessoa, tratam da escatologia *ad intra* e *ad extra* eclesial. Entre o *já* e o *ainda* não, se percebe as ações de Deus até mesmo aquelas que ainda não foram concretizadas como “o novo céu e a nova terra” (cf. Is 65,17; 66,22; Ap 21,1; 1 Pd 3,13). O Concílio solicita do homem a sua participação na busca por sua salvação, de sua realização como comunidade de fé e família humana em comunhão com a Trindade. Num aspecto filosófico, a escatologia aponta para o sentido da vida além da morte e das dores da existência humana. No aspecto sociológico, aponta para os sinais de uma antecipação do Reino, através de uma sociedade mais justa e igualitária, construindo o Reino de Deus. Pastoralmente falando, a comunidade é iluminada pelo Santo Espírito, pelo Magistério e o dado bíblico, para apresentar o verdadeiro sentido do ser cristão, na fraternidade e comunhão universal que brotam do seio da Trindade (VILLAS BOAS, 2015, p. 352).

Nota-se que o ser humano está quotidianamente reafirmando a nossa esperança na ressurreição futura e vinda de Jesus Cristo. Essa é a finalidade da reflexão escatológica atual. Buscar traduzir os tratados teológicos densos numa linguagem compreensível aos fiéis, para que estes vivam na simples vida a conformação a Cristo e alcancem pela perseverança Cristo, tendo como modelo de fé e perseverança na Palavra de Deus, a Virgem Maria, a Ressurreição em Cristo.



Por fim, tendo apresentado sinteticamente, as questões centrais da escatologia, se percebe a íntima união do homem com Deus em Jesus Cristo. E a ação gratuita que brota do Pai, que criou por amor, e do Filho que Redimiu por amor, e do Espírito Santo, que continua a santificar a humanidade para o encontro definitivo no Reino dos Céus. Ora, em Maria, as promessas e bem-aventuranças escatológicas pregadas por Cristo se cumpriram. Sendo obediente a Deus, Maria jamais conheceu as trevas, pois é a virgem sem mácula. Por testemunhar e cumprir sua missão em íntima comunhão com Deus, Maria recebeu a plenitude da ressurreição em sua assunção aos céus. Cabe dizer que Maria é a serva do Senhor, e tudo o que em Maria foi realizado parte da graça e bondade de Deus, de a predestinar para ser mãe de seu Filho que é a luz do mundo, a ressurreição e a vida (cf. Jo 8,12; 11,25).

2 Maria assunta ao céu: cumprimento da vontade do Pai

Após a morte e Ressurreição do Filho, Maria permanece com a comunidade cristã e se preparava em oração para a vinda do Espírito Santo. Sua presença era materna, como membro e mãe (cf. Jo 19,27) (MURAD, 2012, p. 183). A Igreja percebeu os sinais de devoção ao decorrer dos tempos a ponto de, em 1950, formular solenemente o Dogma de Assunção. Depois do dogma da Imaculada Conceição em 1854, “houve um forte movimento mariano para que a crença devocional da assunção de Maria fosse transformada em dogma” (MURAD, 2012, p. 183). Esta será reconhecida posteriormente com a Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*.

A Igreja professa solenemente sua doutrina e crença na ressurreição dos mortos. Este é um elemento essencial da fé cristã. A ressurreição dos mortos “foi revelada progressivamente por Deus a seu povo” (CNBB, 2003, 992), e culminará em Cristo e sua Páscoa; em Maria recebemos os frutos da ressurreição de Cristo, confirmando plenamente a doutrina da ressurreição e contemplação da glória de Deus no *eschaton*. O dado escatológico é o seguinte: a assunção de Maria é, pois, “participação na ressurreição de seu Filho e antecipação da ressurreição dos outros cristãos” (CNBB, 2003, 966). Tendo em vista essa apresentação geral, segue a apresentação do dogma:

Pelo que, depois de termos dirigido a Deus repetidas súplicas, e de termos invocado a paz do Espírito de verdade, para glória de Deus onipotente que à virgem Maria concedeu a sua especial benevolência, para honra do seu Filho, Rei imortal dos séculos e triunfador do pecado e da morte, para aumento da glória da sua augusta mãe, e para gozo e júbilo de toda a Igreja, com a autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos s. Pedro e s. Paulo e com a nossa, pronunciamos, declaramos e definimos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial (PIO XII, Papa. 1950, 44).



No centro do dogma mariano, está o reconhecimento da Igreja de que “a Imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial”. A Igreja celebra a Assunção de Maria no dia 15 de agosto. Tem sua origem numa festa celebrada em Jerusalém pela dedicação de uma Igreja à Mãe de Deus (século V), que depois se estendeu pelo oriente com o nome de *koimesis* “dormição” de Maria (BEINERT; BERTRAM, 2014, p. 59-60), sendo acolhida no ocidente no século VII. Nela, celebra-se a perfeita configuração de Maria a Cristo-Ressuscitado, lembrando aos fiéis o destino de toda a humanidade para concretização da vontade de Deus, a glória futura.

Muito embora não tenha uma fundamentação bíblica direta sobre a assunção de Maria, a teologia bíblica neo-testamentária, reconhece inúmeras citações referentes à eleição e glorificação, contemplação da Glória de Deus que é Deus dos vivos (cf. Mt 22,32; Rm 8,30; Ef 1,3-6;), além das conhecidas afirmações paulinas da Ressurreição em Cristo Jesus (cf. Ef 2,5s.; Cl 3,3s; Fl 1,21s.; 2Cor 5,1-10). Assim sendo, se ilumina o reconhecimento de que a criatura humana é chamada a participação da Glória do Filho.

A criatura humana é um ser para a vida. A alma, criada por Deus, unida à corporeidade humana, anseia pelo encontro definitivo com seu Criador. Este dado escatológico é fundamentado com a antropologia teológica, quando se afirma que “o homem é um ser aberto para a transcendência e para a ressurreição” (LIBANIO; BINGEMER, 1985, p. 98). Tal afirmação, é concreta na vida da Virgem Maria, criatura humana, querida por Deus que foi chamada a participar da ressurreição, visto que “como a ressurreição foi o epílogo da salvação realizada por Cristo, assim também era conveniente a participação de Maria através da glorificação de seu corpo virginal” (MURAD, 2012, p. 184).

Por conseguinte, é preciso ter em mente que todo dogma mariano tem sua centralidade na cristologia e na eclesiologia, ou seja, no mistério de Cristo e sua Igreja. Não se quer aqui negar a hiperdulia a Maria (*cultus hyperduliae*), mas sim reconhecer a ação de Deus, que por sua Graça, a faz receber a hiperdulia na Igreja. É Deus quem a faz ser *κεχαριτωμενη* (enchida/cheia de graça) e *Θεοτόκος* (Mãe de Deus). À ação da Graça de Deus, Maria respondeu: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 1,38). Destarte, dizer assunta ao céu, requer reconhecer que Maria, é passiva da ação d’Aquele que por si, sendo Deus, atravessou a morte para dar vida. Conforme orienta a dogmática:

Ao contrário da ressurreição de Jesus Cristo, que é indicada como um evento ativo pelo termo latino *ascensio* (*ascendere*, ascender), a ascensão de Maria é descrita



como evento passivo por meio do termo *assumptio* (*assumere*, acolher), enfatizando assim que Deus operou em Maria (BEINERT; BERTRAM, 2014, p. 59).

Murad por sua vez, apresenta esta mesma ideia de maneira mais simples, pastoralmente falando. Segundo o mesmo, “assunção significa ser assumido (a) por alguém [...]. Maria como criatura, atribui-se uma função passiva: ela é assumida por Deus na sua Glória. Maria não entra no âmbito da eternidade por sua própria conta, mas sim devido à ação salvífica de Deus” (MURAD, 2012, p. 184). Portanto, é o Poderoso que realiza em Maria essas maravilhas. Ela respondeu com amor ao plano salvífico do qual também é partícipe.

Portanto, desta maneira, o dogma surge para afirmar maior glória de Deus onipotente, reconhecendo as graças realizadas em Maria, modelo de esperança e fé para a Igreja militante. Ela, assumida por Deus, foi levada em corpo e alma, “diferente de nós, não precisou esperar a *parousia* (a segunda vinda de Jesus) para receber um corpo glorificado. Depois de sua vida terrena, ela já está junto de Deus com o corpo transformado, cheio de graça e de luz” (MURAD, 2012, p. 188).

Em tempos hodiernos é preciso reafirmar a esperança escatológica e apresentar a presença de Deus num *eschaton kariológico*. A morte iluminada pela fé torna-se mestra na escola da vida. Não há como fugir, até mesmo o redentor morreu. E por sua morte o ser humano recebe vida. É preciso catequizar sobre o verdadeiro sentido cristão da morte. O ato de não olhar para a esta realidade, deixa a sociedade irresponsável pelos cuidados com suas vidas. Deixar de refletir sobre a morte é reprimir a ação da graça que atua no mistério que é a vida, que tem a morte como elo central (PINTO CARIAS, 2009, p. 222-223).

A morte deve ser compreendida como uma transformação e passagem para um novo nascimento. Esse EU será ressuscitado em uma nova corporeidade, somente assim, poderá, como Maria, encontrar Deus “face a face” (cf. 1Cor 13,12). Portanto, se não se passa, se a morte não existisse, não seria possível ao ser humano, encontrar-se definitivamente com Deus. É a condição *sine qua non* do peregrinar da humanidade (PINTO CARIAS, 2009, p. 227).

No juízo final tudo esclarecerá. Ver-se-á que “semeando o corruptível, o corpo ressuscita incorruptível” (Cf. 1 Cor 13,35-44). É preciso então, cultivar a esperança e a fé na gratuidade do amor de Deus que assumiu nossa carne e a elevou ao céu, pelo Verbo encarnado. Para tanto, é necessária uma reflexão escatológica que resgate a imagem de Deus, não como um ser cruel, que oprime e castiga, que se impõe por força, mas que visita a integralidade que é o homem, como visitou a Maria e lhes dirigiu ternas palavras “Não tenhas medo, Maria, encontras-te Graça diante de Deus” (Lc 1,30).



A essa visita, cultivada sempre pela vivência sacramental, o homem deve dar seu *fiat* e reconhecer que a graça que agiu plenamente na vida de Maria é atuante em cada cristão.

3 O dogma da assunção na escatologia contemporânea

É Jesus Cristo o modelo de novo homem e esperança dos tempos futuros. Retomando, o termo escatologia indica um conjunto de acontecimentos finais que diz respeito ao fim do homem, tanto na sua realidade individual, como no fim da humanidade, ou seja, coletiva, e do fim dos tempos, escatologia cósmica (BERARDINO, 2002, p. 487). Tratando da ressurreição, é essa disciplina que, iluminada pela Sagrada Escritura, Tradição e Magistério, ajuda compreender, mesmo que não em sua totalidade, os acontecimentos pós-morte. Para o cristão, a morte não é o fim. O plano salvífico de Deus não termina na morte.

Müller discorre sobre a ressurreição futura, partindo da ressurreição de Cristo e da intermediação dos Sacramentos. O batismo possibilita ao ser humano entrar numa relação de amor com Deus, recebendo o perdão e a fundação para a futura glória, por meio da graça sacramental. Todavia, segundo Müller: “somente no fim do mundo o ser humano recebe a eficácia total da ressurreição, ou seja, pela superação da morte como castigo pelo pecado, quando Cristo ressuscita pelo seu poder todos os mortos” (MÜLLER, 2014, p. 388). Isto, parte de Deus, que como criador, criou a alma imortal e com sedento desejo de pertencer a Ele. Esta graça da plena ressurreição é antecipada na Vida de Maria.

A graça da ressurreição futura se faz real e manifestada devido à ressurreição de Cristo. Pela sua ressurreição, o ser humano, não contradizendo a Graça de Deus, poderá ressuscitar para contemplar a Deus diretamente, devido a intermediação de Cristo que assume a carne humana e possibilita aos homens o acesso ao que fora perdido em Adão (MÜLLER, 2014, p. 398). Por isso, na afirmação dogmática da assunção, a Igreja reconhece e onipotência divina que agiu na liberdade de Maria. Por sua adesão a fé e abertura para Deus numa vida virtuosa e de fidelidade, “Deus antecipou nela o que vai dar a todas as pessoas de bem, no final dos tempos” (MURAD, 2012, p.188).

É vontade de Deus realizar em cada filho e filha, o que realizou em Maria: ressuscitar na unidade e integração total que é o ser humano, “corpo e alma coração e consciência, inteligência e vontade” (GS, 3). O homem foi criado para a comunhão com a Trindade. Jesus Cristo nos desvela essa altíssima vocação do ser humano, e com sua ressurreição nos uniu a ele, de modo que nos assumiu e nos levou de novo para a comunhão com o Pai (GS, 22). Ele é o novo homem, Maria, é a



nova Eva e Mãe da humanidade. Ela, “a primeira discípula, se transforma na ‘primeira ressuscitada’ (não na ordem de Jesus), depois de Jesus” (MURAD, 2012, p. 190).

A salvação operada em Maria é elemento escatológico para a esperança cristã contemporânea. Desta maneira, os fiéis devem, confortados pelo amor de Deus, não serem tomados pelo pavor da morte, mas se perceberem amparados no amor de Deus que os quer salvar. Desta confiança em Deus, deve surgir a busca pela evangelização e construção do Reino. Na busca de que outros irmãos e irmãs sejam esperançados na salvação (BLANK, 2000, p. 61).

Ao tratar de Maria, a Constituição *Dogmática Lumen Gentium* apresenta a figura de Maria Virgem, Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja. Maria é a Virgem que pela anunciação do anjo e seu sim, recebe a encarnação do Verbo de Deus em seu ventre e vida, isto para o cumprimento das profecias contidas na Sagrada Escritura. Pelo seu sim à Vida, inaugura-se uma nova economia, o mistério da Redenção, pelo qual a criatura humana receberá a libertação dos pecados.

O Sagrado Concílio ensina que Maria é a Nova Eva, é honrada como Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho e sacrário do Espírito Santo. Maria, pela Graça de Deus, é mãe dos membros de Cristo, a Cheia de Graça, a serva obediente do Senhor, a Imaculada, a Bem-aventurada, modelo e figura da Igreja. Conservando sua fé até o pé da Cruz é nos dada como Mãe. Ao término de sua vida terrena foi levada em corpo e alma e coroada como Rainha do universo de onde exerce sua Maternidade Espiritual e é invocada na Igreja com seus diversos títulos, sendo honrada com culto especial ao longo da história da Igreja para a Glória da Santíssima e indivisa Trindade (LG, 52-69).

Maria é modelo de esperança, porque se concretiza nela a vontade de Deus, a qual todos os seus filhos e filhas são chamados a participar: a ressuscitar e entrar na vida eterna. Maria já experimenta na glória o que está prometido para os que creem em Cristo, embora não se tenha detalhes de sua assunção, de como se procedeu e de que corpo glorioso é este (cf. 1Cor 2,9), mas é preciso esperar na verdade que a conduziu. Ao tratar do corpo, Murad esclarece: À luz da antropologia e da escatologia cristãs, não se compreende a assunção de Maria de forma literal, como se ela subisse ao céu com o corpo que possuía aqui na terra, com ossos, pele, carne e sangue. A assunção é participação de Maria na ressurreição de Cristo. Não se trata de uma viagem, de um mero deslocamento geográfico, e sim de uma transformação da realidade humana. O corpo de Jesus ressuscitado, como o de Maria assunta ao céu, não é como o de Lázaro (Jo 11,43-44) ou do filho da viúva de Naim (Lc 7,13-15). Essas pessoas, mais cedo ou mais tarde, voltaram a morrer, e seus corpos se degradaram. O corpo de Maria, ao contrário, foi transformado e assumido por Deus, embora não saibamos os detalhes (MURAD, 2012, p. 190).

Embora não se saiba como será o corpo na ressurreição futura, algumas reflexões, culminam para que os demais fiéis assim como Maria, serão ressuscitados em sua corporeidade transformada pela ação do Espírito Santo. Como será, é *mysterium fidei*. Porém, se evidencia pela reflexão



escatológica que o estar na morte transformará a pessoa inteira. Deus não agirá somente na alma, mas na integralidade da pessoa com toda a sua trajetória e corporeidade. Isso contrapõe as ideias influenciadas pelo platonismo e neoplatonismo e gnósticas contrárias ao corpo. Portanto, é importante a afirmação cristã antiga e sempre nova na ressurreição da carne, pois Deus ressuscitará o ser humano por inteiro para o encontro com Ele (BLANK, 2000, p. 140-141). Para uma ilustração, Blank demonstra que a morte se torna compreensível, por meio de uma analogia da metamorfose-transformação de uma lagarta que se transforma em borboleta (BLANK, 2000, p. 138-159). Essa morte-transformação é indispensável para adentrar a vida eterna, e a vida eterna “é a nossa comunhão realizada e plena com Deus” (MULLER, 2014, p. 398).

O teólogo Rahner corrobora para a afirmação da ressurreição. Em sua antropologia esclarece que carne quer significar o homem em sua totalidade como já evidenciado por outros autores. E ressuscitar por sua vez, implica a realização total perante Deus, que por sua graça comunica a sua criatura, a vida eterna onde da morte abre-se a possibilidade da íntima e total consumação na comunhão com Deus. A morte em Deus, não possibilita um *devir* ao nada, mais a participação plena no Espírito, caminho aberto por Jesus Cristo. Somente por sua ressurreição é possível ao homem receber na glória futura um “corpo pneumático” uma corporeidade plenamente unida com o Espírito de Deus (RAHNER, 1969, p. 145-153).

O amor de Deus transborda a ponto de amar a sua criação e salvá-la por inteiro. Maria, na glória a humanidade nova, é o que Deus quis ao criar seus filhos e filhas, comunhão com a Trindade e com os Santos e Santas. Não é cabível que “aquele que atraiu todas as coisas para si” (cf. Jo 12,32), não tenha atraído a sua mãe. A Igreja deve se deixar ser atraída pelo seu Esposo, o coração humano deve se deixar ser atraído por este Amor. Pois, “o que Deus criou e foi assumido por Cristo e glorificado com sua morte e ressurreição, terá também em nós sua realização definitiva” (RAHNER, 1969, p. 153). Por conseguinte, é evidente que os fiéis, como Maria, receberão de Deus a graça da Ressurreição.

É mistagógico, doutrinal e fundamental, reconhecer no novo Adão e na Nova Eva a esperança da ressurreição e da graça para enfrentar as dificuldades e o pecado deste mundo até que chegue a plenitude dos tempos. Por isso se afirma: “a Mãe de Jesus, assim como, glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que se há de consumir no século futuro, assim também, na terra, brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor (cf. 2 Ped. 3,10)” (LG, 68). Na Mãe do Senhor, já ocorrera a transformação pela qual todos os que morrerem em Deus deverão passar, todavia, diferente dos fiéis,



Maria não necessitou esperar a *parusia*, já goza no Céu de um corpo glorificado, cheio de graça e de luz. Somente Jesus está no céu em corpo e alma (MURAD, 2012, p. 186-188).

Somente em Cristo, a história humana tem a possibilidade de não viver sob o jugo da morte e da dor. Sendo Verbo de Deus “por quem tudo foi feito, fez-se homem, para, homem perfeito, a todos salvar e tudo recapitula. O senhor é o fim da história humana, o ponto para onde tendem os desejos da história e da civilização, o centro do gênero humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações” (GS, 45). A escatologia clássica dual e plural e unitária reafirmam a gratuidade de Deus que encaminha os corações, dando pleno sentido à vida humana e iluminando o mistério da morte pelo dom da fé. Ajudam a compreender a escatologia na vida e morte da Mãe do Senhor e orienta a comunidade dos fiéis, na atualidade, para que caminhem perseverantes na busca de serem totalmente assumidos por Deus, pois ele “será tudo em todos”.

Através da piedade popular e do culto a Maria, a Igreja caminha para a realização da consumação dos tempos. Tendo Mãe como sinal e modelo de pureza, santidade, fé e obediência. Nela, se manifestou a poderosa graça e amor de Deus. Por conseguinte, enquanto Igreja peregrina, caminhemos na certeza de que “o reino já está misteriosamente presente; quando o Senhor vier, atingirá a perfeição” (GS, 39). Portanto, Maria é modelo de esperança e “refúgio dos pecadores”. É Mãe da Igreja e ao mesmo tempo exemplo/modelo “por sua adesão total a vontade do Pai, à obra redentora de seu Filho, a cada moção do Espírito Santo, a Virgem Maria, é para a Igreja o modelo da fé e da caridade. Com isso, ela é ‘membro supereminente e absolutamente único da Igreja’ sendo até a ‘realização exemplar (*typus*) da Igreja” (CNBB, 2003, 967).

A escatologia presente no dogma ilumina a vida de tantos fiéis a perceberem os grandes feitos do Senhor realizados na vida de Maria. Reconhece-se também a importância de uma corporeidade inteira voltada para o Senhor. A assunção clarifica a fé de Maria e a graça de Deus que agiu sobre ela. Uma unidade singular de sua vida toda unida a Deus, por isso participante na obra de redenção de Cristo. Destarte, participa também da ressurreição no filho como a primeira criatura a ser plena e absolutamente ressuscitada. Daí que ela seja um *typus* de orientação (MULLER, 2014, p. 358-359), para que o homem se confie aceitando sua íntima união com Deus: “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5) .

Quanta esperança, saber que aquela que deu a carne para ser gerado o Filho de Deus é refúgio dos que peregrinam para contemplar a face de Deus. Todavia, para compreender de maneira clara, é necessário catequizar sobre a concretização escatológica em Maria, nas ações litúrgicas e pastorais conforme ensina a Santa Igreja e sua doutrina. A Igreja é figura de Maria e conforme ensina a *Marialis*



Cultus, Maria prestou disponibilidade total de vida e culto à vontade divina. Assim deve ser a Igreja e seus agentes pastorais nas suas ações litúrgicas, na vida e esperança do Reino definitivo. Ela já contempla a glória para todos preparada. Ela é a Virgem revestida de Sol que auxilia a humanidade cotidianamente dizendo: “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo, 2,5). ”

“*De sol, ó Virgem, vestida,
de branca lua calçada;
de doze estrelas-coroas
Coroada.
A terra toda te canta,
da morte Dominadora.
No céu a ti temos, todos,
Protetora.
Fiel, conserva os fiéis,
procura a ovelha perdida.
Brilha na treva da morte,
Luz e Vida.
Ao pecador auxilia,
ao triste, ao fraco e ao pobre.
Com o teu manto materno
Todos cobre!
Louvor à excelsa Trindade.
Que dê a coroa a quem
ele fez Mãe e Rainha
nossa. Amém*”.²

4 Considerações finais

Evidentemente não se tem como trabalhar profundamente a transversalidade da mariologia e escatologia do dogma da assunção em tão poucas páginas. Isso ficará a cargo de um aprofundamento por meio dos leitores. Não pretendi trazer ideias novas, mas perceber as contribuições teológicas da dogmática e da antropologia para a escatologia no serviço à Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo na sua missão de fazê-Lo conhecido, tendo como modelo sua Mãe e Rainha, Maria.

Desde os primeiros cristãos, a *parusia* era esperada e acredita-se na ressurreição da carne. A comunidade dos Tessalonicenses esperava pela *parusia* do Senhor. Ao longo da formação dos temas sobre a pós morte se foi culminando os *novíssimos*. Com o surgimento de uma sistematização da teologia surge a disciplina que reflete sobre essas realidades pós morte, a escatologia. Nesta disciplina seja clássica ou contemporânea, a antropologia teológica é de fundamental importância para o diálogo com os fiéis. A morte é inevitável. Mas ao refletir sobre ela se pode compreender melhor a vida.

² Hino das Laudes na Solenidade da Assunção de Maria cf. **LITURGIA DA HORAS**: segundo o rito romano. Tradução Alberto Beckhauser. 2. ed. v. IV. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 1199-1200.



Somente em Jesus Cristo se pode ter sentido pleno da vida vendo a morte não como o fim, mais como encontro com Deus, plenitude das bondades e dos frutos testemunhos na existência humana.

Percebe-se o pleno cumprimento das promessas escatológicas presente na vida e assunção de Maria. Ela, obediente, foi cheia da Graça de Deus, participando da ressurreição de seu Filho, foi assumida por Deus em sua inteireza, de modo que está no Céu, no convívio dos eleitos, e como Mãe, intercede por nós seus filhos e filhas. Ela é a humanidade nova, querida por Deus. Estando ressuscitada, continua a inspirar o povo de Deus nas dificuldades da vida a caminhar nos calvários da vida na esperança do Céu.

A escatologia no dogma da assunção ilumina o peregrinar da Igreja, lança esperança na caminhada para Deus. Fornece-nos meios quotidianos para perceber no novo Adão e na nova Eva, o desejo de Deus de que estejamos em comunhão com ele, e caminhemos para a Glória de Deus com fé e esperança (cf. Rm 5,1-2), pois “se morremos com Cristo, temos fé que também ressuscitaremos com ele” (Rm 6,8). O povo em sua fé ardente e simples sintetiza o que a assunção transmite quando na dor ou alegria tocam ao céu dizendo: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogais por nós pecadores. Agora e na hora de nossa morte mãe. Amém”. E ela, constantemente responde: “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Referências

BLANK, Renold, J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição*. Escatologia I. São Paulo: Paulus, 2000.

BEINERT, Wolfgang; BERTRAM, Stubenrauch. *Novo léxico da teologia dogmática católica*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERARDINO, Angelo Di (org). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BÍBLIA. Português. 2003. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003.

BOFF, Frei. Clodovis M.; OSM. *Escatologia - breve tratado teológico-pastoral*. São Paulo, Editora Ave-Maria, 2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2003.

GAUDIUM ET SPES. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a igreja no mundo de hoje. 12. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.



IGLESIA EVANGÉLICA PUEBLO NUEVO. *Karl Gottlieb Bretschneider*. Villacarlos, Madrid. Disponível em: http://www.iglesiapueblonuevo.es/index.php?codigo=bio_bretschneider. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulus, 2004.

LITURGIA DA HORAS: segundo o rito romano. Tradução Alberto Beckhauser. 2. ed. v. IV. São Paulo: Paulinas, 2000.

LIBÂNIO, J.B; BINGEMER, Maria Clara L. *Escatologia Cristã: o novo céu e a nova terra*. Petrópolis 1985.

LUMEN GENTIUM. Constituição Dogmática sobre a igreja. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática católica: teoria e prática da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MURAD, Afonso. *Maria toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas, 2012.

PAPA PIO XII. *Constituição apostólica Munificentissimus Deus*: Sobre a definição do Dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu. Dado em Roma, junto de São Pedro, no ano do jubileu maior, de 1950, n. 44. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html>. Acessado em 19 de janeiro de 2021.

PINTO CARIAS, Celso. Vida e morte: dois lados da moeda. In.: *Espiritualidade Cristã em tempos de mudança: Contribuições teológico-pastorais*. Alfonso García Rubio, Joel Portella Amado (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.

Recebido: 20/10/2021

Aceito: 09/12/2021